

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

OS GOVERNOS E OS PRINCIPIOS, pelo conde de Samodães.—SECCÃO RELIGIOSA: *Os bens da Igreja no Real Padroado*, por um Catholico.—SECCÃO SCIENTIFICA: *Calculos da sciencia na immensidade da creação—Juizo da sciencia sobre a immensidade da creação*, por T. da C. C.—SECCÃO LITTERARIA: *Dorothea e Theophilo, ou os desposados do céo*, romance (conclusão).—O CLERO NA CAMARA DOS DEPUTADOS: Discurso de s. ex.ª revm.ª o sr. dr. Pires de Lima, na sessão de 15 de maio (conclusão).—Discurso de s. ex.ª revm.ª o sr. Bispo de Bragança e Miranda, na sessão de 14 de julho.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARAES, 13 DE AGOSTO

OS GOVERNOS E OS PRINCIPIOS

A Europa parece estar fatigada da obra de destruição, que os seus governos tomaram para programma da sua administração.

Quem comparar a politica da epocha presente com a de annos ainda proximos, mas já passados, encontra sem duvida differenças sensiveis, que não podem escapar a quem observa o decurso dos factos.

Ainda ha hem poucos annos todas as tendencias dos principaes governos da Europa eram para a deschristianisação dos povos, para os excessos do liberalismo, para a substituição dos principios religiosos por outros, que se consideravam mais em harmonia com a civilisação moderna, com os progressos da sciencia, com a dignidade da humanidade.

Um estadista notavel, que depois das victorias militares da Allemanha, dita as leis soberanamente n'aquelle paiz e influe poderosamente nos outros, inventou e protegeu o seu systema de *Culturkampf* e para o estabelecer perseguia sem commiseração a Igreja catholica, adversaria nata e logica de todas essas utopias monstruosas, que imaginam espiritos escandecidos e não tem outra baze nem fundamento além da vaidade de seus inventores.

Essa perseguição atroz e obnoxia lon-

ge de prejudicar a Igreja preparou-lhe o mais esplendido triumpho, dando origem ao nascimento e engrandecimento das seitas desordeiras e anti-sociaes, e á união e consolidação dos elementos catholicos.

Na Austria-Hungria os mesmos influxos desorganizadores fizeram propender o governo imperial para as doutrinas liberaes e tornal-o adversario mais ou menos disfarçado da Igreja catholica, que é a maior gloria e a causa da maior firmeza d'aquelle vasto e poderoso imperio.

O czar da Russia viu tambem o unico adversario no elemento catholico do seu imperio e dando soltas ás redes do seu despotismo levou a desolação a todas as familias catholicas, que habitam as vastissimas planuras da nação moscovita. O unico resultado que tirou d'essa politica odienta e liberal foi o nascimento do nihilismo, os attentados contra o imperador e os principaes personagens do governo, e a ameaça permanente da destruição completa da sociedade.

A Suissa, encravada entre as nações, que haviam adoptado uma politica assoladora, esqueceu as suas antigas tradições de independencia, liberdade e tolerancia e lançou-se na senda das perseguições, dos odios, das vinganças e do mais descarado liberalismo.

A Hespanha, dominada pelas facções, fez pedaços o throno tradicional, e depois o throno revolucionario, procurando a felicidade e a solução dos mais graves problemas na anarchia republicana, que todos presenciamos; e as consequencias que auctofoi a guerra civil, a bancarota, os horrores de Alcoy e Cartagena. Perseguiu a Igreja, insultou o clero, desaeatou o episcopado, declarou-se isempta de crenças religiosas, e viu as saturnaes nas suas egrejas, a desordem nos costumes, a dissolução na sociedade.

A França, não se recordando dos incendios e dos morticínios da communa, nem das suas monumentaes derrotas na campanha com a Allemanha, foi descendo de monarchica para republicana conservadora, de republicana conservadora para democratica, e d'esta ia-se precipitando na anarchica.

O nosso modesto Portugal macaqueou tudo isto, fez assoadas ás portas das Igrejas, celebrou *meetings* contra os jesuitas, declarou em perigo as liberdades, olhou com complacencia para todos os insultos ao clero e aos catholicos, e favoreceu uma imprensa devassa e materialista.—Consubstanciou os triumphos da liberdade nos *Apostolos do Mal e Lazaristas* e pensou que a calumnia e a infamia podiam alguma vez sopear a verdade e a virtude.

Os diferentes governos lançaram as mais nocivas sementes á terra, com o maior disvello as agricultaram e regaram, e quando o momento de ver a seara promettedora foi chegado, pasmaram de encontrar não os fructos, que sonhavam, mas aquelles que necessariamente deviam resultar da sementeira.

E eis que desilludidos principiam a querer desfazer o mal, que prepararam e ver se ainda é possivel salvar a sociedade, que se acha vacillante e instavel apoz tão grandes despropósitos.

O primeiro que se confessa arrependido é o chefe de toda esta enorme conspiração de maldade; é o principe de Bismark, que se declara religioso, inimigo do socialismo, contrario ao seu dilecto systema do *Culturkampf*; e vendo-so sem apoio no magonismo, no liberalismo e em todas as seitas naturalmente atheistas e anarchicas, olha com vistas complacentes para os unicos elementos da ordem estavel que existem no imperio, os catholicos, que recebem lições da Igreja, e tem por mote o seu Supremo Chefe visível.

O imperio austro-hungaro tambem não encontra outro esteio senão no catholicismo.

A Suissa pronuncia-se nas suas eleições contra os fautores do radicalismo, e começa a derogar as medidas, que antes applaudira, e que tinham o mais pronunciado caracter do liberalismo puro, o que equivale a dizer, caracter de destruição, desordem, atheismo, unicos attributos que o tem tornado celebre na moderna historia do mundo.

A Hespanha, voltando ás suas velhas tradições monarchicas e assentando no throno um joven principe, neto de um rei, co-

meça a sua reorganização economica e politica, dando satisfação á Egreja, protecção aos seus ministros, respeito ás suas doutrinas, liberdade aos seus institutos; e tomadas estas medidas, essa nação, durante annos entregue ás mais violentas convulsões, restabelece a ordem, um pouco o seu credito, e cura as profundissimas feridas, onde a gangrena parecia irremediavel.

A França, a filha primogenita da Egreja, apresenta uma reacção poderosa para embaraçar a onda revolucionaria, que engrossava para esmagal-a, e sem entrar ainda no verdadeiro caminho da sua redempção, mostra que não está disposta a deixar-se avassalar pelo radicalismo revolucionario, que, com a mudança presidenciaal julgou poder dominar sem estorvo. E quando estas tendencias se manifestavam por modo inquestionavel, um acontecimento luctuoso e por todos os motivos digno de lastima, vem derruir um dos mais formidaveis obstaculos para que se podesse preparar um futuro mais seguro para essa grande nação, tão celebre pelas suas grandezas como pelos seus crimes, que tem chamado a ira de Deus, cujos effectos são tão eloquentes, que só se não commove ante elles quem não tem sentimento nem coração.

E quando finalmente põmos as vistas sobre a nossa patria, que, embora não peze hoje nos conselhos do mundo, nos importa sobre maneira, vemos que embora os governos se chamem regeneradores ou progressistas, nenhum desconhece a grande, poderosa e benefica influencia da religião nos destinos da sociedade e por isso, so a não favorece, deiva-lhe certo socego.

Em Hespanha os institutos religiosos, manifestação esplendida da liberdade para o bem, espalham-se por toda a parte e exercem a sua missão civilisadora, sem que o governo lhes ponha estorvos, sem que os seus membros sejam perseguidos. Em Portugal a protecção governativa ainda se não patenteia, mas, apesar das leis oppressoras e liberticidas que vexam as consciencias, e que ha muito deviam estar derogadas, os institutos, que tem por base o principio religioso, germinam e desenvolvem-se, mostrando-se com espanto de muitos, ou de quasi todos, que, sem embargo do furacão esterilizador que os derrocou e materialisou os espiritos, se vão alevantando voçações robustas em pessoas de ambos os sexos para a vida do sacrificio, da abnegação, da contemplação, da perfeição.

E no meio de tudo isto e acima de todos esses acontecimentos, o chefe da Egreja, embora despojado e expoliado de tudo quanto é seu, apparece cada vez mais respeitado, obedecido e admirado, conservando-se no centro d'essa Italia, onde a Providencia o destinou para reinar, e onde rei-

narà sem duvida não para destruir a unidade de uma nação, mas para tornal-a o centro da terra e eleva-la á posição, que nunca podia conferir-lhe a impiedade revolucionaria, que se vangloriou de ter unificado os elementos dispersos do italianismo,

Os governos deixaram-se arrastar pelas doutrinas subversivas, pensando que dispensavam a religião para as suas combinações humanas. Esqueceram que existia Deus, e Deus deixou-os entreguos a si; mas sem Deus só podiam amontoar ruinas; e hoje que já ninguem se pôde illudir, esses mesmos governos abrem os olhos e vdem o que os que não eram cegos sempre previram, que se para as nações se governarem não ha normas fixas, typicas, invariaveis de organização, o arbitrio tem um limite que não se transpõe impunemente, consistindo elle em que todas essas normas e formas variaveis tenham o typo de conformidade com a lei divina, com os principios eternos, dictados por Deus.

E d'esses principios que os governos se acercam, ou hão-de acercar, e aceitando-os sem reserva, os mais difficeis problemas perderão a sua obscuridade, tornando-se obvias as suas soluções.

CONDE DE SAMODÁES.

SECÇÃO RELIGIOSA

Os bens da Egreja no «Real Padroado»

Segundo viram nossos leitores em o n.º 13 d'esta Revista (p. 128, col. 3.ª) o governo portuguez propoz em abril d'este anno vender contra a vontade expressa da Santa Sé, e sem o minimo accordo com a auctoridade ecclesiastica, «todos os predios rusticos e urbanos pertencentes ás fabricas das egrejas, confrarias, irmandades, convento de Santa Monica (os bens dos outros conventos já foram guldidos ha muito pelo padroado portuguez), juntas de parochias, cabido e collegiadas do estado da India.» Esta bella *partida* rapinante propól-a o nosso governo e provavelmente a levará a effecto com o mesmo direito com que tem determinado e todos os dias está executando outras semelhantes aqui no reino, affrontando excommunhões e rindo-se do direito canonico, — das determinações do proprio Concilio de Trento que fazem parte da nossa legislação!

A proposito:—N'um discurso proferido ha pouco na camara dos deputados pelo insuspeito sr. dr. Pires de Lima, vigario geral de Aveiro—discurso sobre o qual haveria muito que dizer—lê-se o seguinte:

«Quando se trata das propriedades da India que pertencem á nossa egreja do Oriente o sr. ministro da Marinha não hesitou em propôr a sua venda..., mas quan-

do chega diante dos pagodes, (1) pára e diz: «n'isto não é conveniente tocar». De modo que na India (2), sob o consulado *regenerador* (3) mais vale ser mouro do que ser christão.»

O «Diario do Governo» põe entre parentthesis:—«*Riso.*» De quê, ou antes de quem se ririam os senhores deputados?...

Agora acabamos de ler, transcripta na «*Nação*» de 3 de julho, uma notavel pastoral do ex.º e rev.º sr. «Padre Antonio Thomaz da Silva Leitão, governador das Missões do Real Padroado nas Indias Orientaes e vigario geral das egrejas portuguezas de Bombaim, Madrastra, etc., delegado do ex.º sr. D. Ayres d'Ornellas, arcebispo de Goa, do conselho de Sua Magestade fidelissima» etc., na qual se lamenta de um novo scisma que parece estar prestes a surgir em Bombaim, não querendo os christãos da jurisdicção do padroado n'aquellas partes receber auctoridades ecclesiasticas mandadas de Goa; e s. exc.ª lhe lança em rosto administrarem «tumultuosa e irregularmente as rendas ecclesiasticas (n'outra parte parece que lhes chama «bens do real padroado!»)—Haverá erro de imprensa? *vender e dissipar.*»

Mas... valha-nos Deus! Se o governo portuguez, se o «real padroado» tambem quer vender e dissipar e já tem vendido e dissipado muitos bens da Egreja, nos territorios onde domina!... A's possessões inglezas não pôde elle chegar, apesar de ser *padroado*. Se podesse!...

Os taes christãos do padroado, neo-scismaticos, recorreram ao governo inglez, que lhes deu razao. O ex.º governador das missões do real padroado ameaça-os com a excommunhão, e é justo; mas os governantes portuguezes por quem elle pugna não incorrem tambem todos os dias se pôde dizer em excommunhões por se apropriarem indevidamente dos bens da Egreja, tanto no reino como nas colonias?!

Aquelles christãos não têm direito a fazer o que fazem sem a devida auctorisação dos seus legitimos superiores ecclesiasticos e sobretudo da Santa Sé; mas o governo portuguez ainda tem menos.

Esta proposição não nos parece difficil de sustentar.

De resto, quando os maus exemplos vem do cima... Achemos immensamente curioso o argumento da citada pastoral expresso nas seguintes palavras:—«Se os missionarios mandados pela Santa Sé intentam governal-os (aos ditos christãos neo-scismaticos) em virtude do seu mandato, prostram-se todos ante o real padroado e julgam que elle deve enviar-lhes missionarios... e protegel-os contra um dominio que receiam, talvez por preferirem todo o arbitrio de liberdade individual. Mas», etc.

(1) Templos pagãos. Ha muitos na nossa India, e na colonia de Macau, etc., havendo sido sempre, nos tempos modernos, muito mais respeitadas em suas rendas do que os templos catholicos. E' que o governo portuguez não é *padroado* dos taes pagodes!

(2) E não só na India, mas tambem na China, na Oceania e na Africa.

(3) E de todos os demais partidos liberaes, devia acrescentar o sr. deputado.

Podia accrescentar, não estranhamos, porém, não accrescentasse que com effeito o real padroeiro os ha protegido em suas desobediencias, chegando até a declarar por bocca dos seus deputados em S. Bento que se o Papa faz bullas, faz elle contra-bullas.

Ora quando o coronel não obedece ao general, será muito para estranhar que o soldado nao obedeça ao coronel?

.....
E so os funestos exemplos das anuexações, desamortisa ões ou ... Basta!

Nem vale nem valerá nada — antes cremos que será contraproducente — fallar aos revoltados nas «questões renhidasissimas sustentadas as Roma» e no «cumprir escrupulosamente (?) todos os deveres de Padroeiro», (1) por que essas lastimosas palavras só podem produzir escandalo, para outra coisa não dizermos.

Valha-nos Deus!

UM CATHOLICO.

SECÇÃO SCIENTIFICA

CALCULOS DA SCIENCIA

NA

IMMENSIDADE DA CREAÇÃO

I

JUIZO DA SCIENCIA

SOBRE

A IMMENSIDADE DA CREAÇÃO

(Continuado do n.º anterior.)

Levando-se em conta todo este conjunto de condições que se realisam na grandeza ou posição relativa do astro e de seu planeta, e na inclinação da orbita planetaria a fim do se poderem perceber os eclipses, não parecerá estranho que somente n'este astro se hajam dado estas condições, e d'aqui pôde com rasão concluir-se que é este o unico facto d'esta especie que existe no universo.

Pondo de parte outros muitos phenomenos, os astrónomos encontraram tambem no espaço, além d'infinitos soes, um immenso numero de corpos opacos, que talvez em algum tempo fossem luminosos, extinguiram-se depois, e hoje esfriada a sua superficie, se bem que ardendo no interior, são capazes comtudo de reanimar-se por causas interiores que nos são desconhecidas, ou por meio d'um choque com outro. Atribue-se esta origem á appareição no firmamento d'estrellas até de segunda grandeza, ainda que

(1) O que vai citado entre aspas, lê-se descrezadamente na referida pastoral, datada de Meliapôr, a 23 de maio de 1879. — A dita pastoral quasi nos parece prova evidente de se não cumprirem escrupulosamente alguns deveres de padroeiro.

pouco duradouras; e confunde-se nossa mente calculando-se, dizia Herschell, a grandeza d'esses astros, espalhados em tantos milhões de distancias, as catastrophes interiores, ou os conflictos de dous mundos que d'ellas serão effeitos.

Sem que occorram porem essas conflagrações vemos aquelles corpos nos espaços escuros que o céu nos apresenta em varios sitios, e que vemos em rasão de que a luz das estrellas mais remotas é interceptada por corpos opacos que se interpõe entre ellas e nos. Talvez não haja em todo o céu um unico ponto sem uma nuvem de poeira estellar opaca, assim como antes viamos essa poeira reluzente, por exemplo no grupo d'Aquario, e no das Lebres, que são nuvens de soes tão pequenos, tão difficeis de contar, que por necessidade temos de as comparar com punhados d'arêa, apesar de cada grão d'essa arêa ser um mundo. (E' sem duvida a isto que se chama poeira cahotica, ou nuvens cósmicas).

A astronomia trata de verificar quasi ás cegas a existencia d'esses mundos opacos, que não recebem dos immediatos luminosos luz sufficiente para se tornarem visiveis. As imponderaveis grandezas da criação subministram nova e evidente materia para um discurso nas estrellas duplas e multiphas, agrupadas como a *delta* de Cancer, e a *epsilon*, y ß da Lira, não opticamente por effeito vizual, mas sim com vinculo phisico de mutua gravitação, demonstrada pelas orbitas que descrevem. Retumbou, e foi ouvida até os ultimos confins do universo, a lei da gravitação, a qual imposta e proclamada hoje nos espaços do nosso systema, apresenta a nossos olhos, e em seus mais grandiosos effeitos, a omnipotencia do Creator.

«Considerando as consequencias phisicas d'estes multiplices systemas luminosos e dos opacos que os acompanham, é impossivel não ficar suprehendido. N'um systema de tanta excentricidade, como *alpha* do Centauro, os planetas devem ser a um mesmo tempo aquecidos por dous soes, já muito juntos, já um muito proximo, e outro muito distante. Quem poderá calcular as vicissitudes da vida em semelhante periodicidade? Sómente a sabedoria d'Aquelle, que com uma diminuta quantidade de meios sabe obter uma variedade infinita de resultados. Junte-se a isto a circumstancia de que as estrellas duplas tem muitas vezes côres duplicadas e côres complementarias, e n'este caso a fantazia d'um poeta não será capaz de descrever o effeito d'um dia illuminado por um sol verme'ho seguido d'uma noite debilmente illuminada por uma côr verde, ou d'um dia illuminado por dous soes de varias côres, e uma noite precedida d'um

dourado espelho, e seguida d'uma aurora azulada!»

Disistimos de scismar na abundancia de prodigios que 20 milhões de soes devem espargir em outros tantos milhões de mundos, limitando-nos a contemplar as grandezas do Univero; vejamos esses grandes montões de materia sideral que formam as nebulosas, astros ainda hoje em via d'organisação, e de formas, umas redondas, outras elypticas, outras em espiral, com vertice singelo e com vertice duplo, como a nebulosa das Lebres.

A magnifica planetaria de Sagitario, mostrando na sua parte mais clara um diametro de 23,8" se a supponmos á minima distancia estelar, indicará uma extensão similhante á orbita de Urano com um raio de 2:932,000,000, de kilometros, e que estando, como está, a maior distancia é muitissimo maior.

Quasi $\frac{1}{2}$ maior é a planetaria da Hydra com sua lindissima côr celeste, e muito mais a magestosissima do Delphim, enorme corpo com um diametro de 41, 31". Ha comtudo algumas anulares d'igual e maior extensão, como a azul d'Andromeda com um raio de 22,33" de diametro na sua parte mais brilhante, e na classe numerosissima das elypticas a outra tambem d'Andromeda a qual mede uma largura de 1,31' e um volume d'uns 24; o que corresponde a uns dez biliões novecentos e vinte mil milhões de milhões. Pondo de parte as indeterminadas nebulosas irregulares, como a d'Orion, que occupa 6,5.º n'um sentido, e 5.º n'outro, e mais outras que com ella rivalisam contiguas á *eta* do Argos no hemispherio austral, e ao Sagitario e na Zorra, as quaes por si só podem fornecer materia não para um, mas sim para uma infinidade d'outros novos mundos, continua em ultimo logar a astronomia a apreciar a extensão e profundidade dos espaços, nos quaes a mão creadora encontrou campo para dispor as regiões proprias e fixar as orbitas dentro das quaes se movem, obedecendo a leis de soberana harmonia. esses milhões d'astros tão magnificos, que só um d'elles seria bastante para nos revelar um poder e uma arte incomprehensivel para nós no creator que nos formou do nada. A sciencia humana levou seus calculos até ás profundidades do universo, e a primeira noticia que por bocca de Galileo nos transmittiu foi esta: não possuímos medida alguma que possa servir para apreciar a distancia que ha entre nós e a estrella mais proxima; o grande eixo da orbita que a terra descreve em volta do sol era nada em comparação com ella, e quando em razão da delicadesa dos instrumentos modernos foi possível comparar estes dous termos e da paralaxe de 0,33

achada para a 61 do Cisno, uma das estrelas mais proximas, se deduziu que distava de nós uns 589:043 raios medios da grande orbita, foi necessario recorrer a outros unidades, cujo valor acabrunha a nossa imaginação, porém mais proporcionado a immensidade do objecto. A luz, como é sabido, percorre 300:000 kilometros por segundo, e a distancia que nos separa do sol a atrevessa em 8,™13.™3. Sabemos mais que uma estrella, que tenha a paralaxe d'um segundo de grau, distaria da terra 206,263 vezes mais que o sol, e que a luz tardaria trez annos a chegar desde a mesma até nós. Esta quantidade, que equivale a 5.000,000,000 de raios terrestres, é a unidade para o calculo das distancias estellares.

Nenhuma até hoje tem chegado a apresentar uma paralaxe d'um segundo completo; *alpha* do Centauro, sem duvida a mais proxima, não dá mais que 0,™913™ e todas as demais estão muito longe d'esta grandeza prodiziosa. Exceptuando cito ou dez, todas as outras carecem de paralaxe, e a sua distancia deve portanto ser de dez unidades paralaxicas pelo menos; isto é de 2:062:650 vezes a do sol, e o tempo, que a luz gasta para chegar até a terra, não pôde ser menos de 32 annos. Ao chegar a este ponto a astronomia para, e pondo na mão do moderno materialista ateo esta medida para que a applique entre o nosso systema e os systemas sideraes que nos cercam, e entre estes mesmos systemas que a dextra do Omnipotente semeou com profusão e distribuiu no campo sideral, espera que com lealdade diga se o universo em toda a sua immensidade falla bem claro da sabedoria e poder de seu Auctor.

(Continúa).

T. DA C. C.

SECÇÃO LITTERARIA

DOROTHÊA E THEOPHILO OU OS DESPOSADOS DO CÉO.

(ROMANCE)

(Conclusão)

IV

No dia seguinte dous cortejos se dirigiam quasi ao mesmo tempo para as portas da cidade. O primeiro era um rancho de bacchantes e pastores, que coroados de hera e de pampas, iam ao som da frauta, dançar em honra do deus Pan e das divindades campestres. O outro, silencioso, ia tambem para o sacriicio, mas que sacrificio! conduzindo uma victima voluntaria, mas de corda ao pescoço: era Dorothêa.

O prefeito, cansado da constancia da donzella, tinha-a condemnado, depois d'um

ultimo interrogatorio, a ser decapitada no terceiro marco miliar fora das portas da cidade.

Ella ia escoltada de muitos guardas, porque se temia que o desespero de Theophilo lhe inspirasse algum recurso heroico. As sympathias populares pelo talento, que no joven advogado sobressaia pelo prestigio da sua mocidade e da sua natureza ardente e generosa, podiam tomar o partido d'elle, e isto era o que os perseguidores queriam impedir.

Por um milagre, que já se tinha visto na historia d'alguns dos nossos martyres, as chagas de Dorothêa tinham sido curadas sem soccorro algum humano; e ella estava tão bella como quando era admirada por Theophilo. Seus cabellos louros, ligeiramente ondeados, como a natureza os dá ás filhas da Asia, caíam-lhe soltos sobre o vestido branco. Ella olhava sem ver, assim como se adiantava quasi sem andar. O ondeado de seu vestido de linho, o vago brilho de seus olhos enlevados, a ideal pureza de seu rosto, faziam d'ella como que uma apparição celeste, que fizesse sua passagem deslumbrava os pagãos coroados de rosas, cambaleantes pela embriaguez de suas libações matinaes.

O soldouava com seus primeiros raios os zimbórios dos templos ornados de flores. O céu era sem nuvens, bello, radiante, um d'aquelles céos que chamam os corações puros a oração. O olhar extatico da santa procurava a Deus n'aquella abobada azulada, e parecia abrir d'ante-mão o caminho que sua alma devia transpor atravez d'aquelle espaço profundo, immenso, infinito que não tinha já mysterios para a sua fé. Impaciente de se unir ao seu Deus, voava nos passos dos guardas, e no intimo do seu coração conversava com o seu bem amado. Finalmente um grande ajuntamento e murmurios prolongados a forçaram a baixar a vista e a olhar ao deredor. Estavam nas portas da cidade. Um espantoso grito de dor veio n'este momento ferir o coração de Dorothêa. Era a voz de seu velho pae, que se debatia nos braços de Pamphila. Não foi sem grande difficuldade que os guardas o impediram de atirar-se ao pescoço de sua filha.

A esta ultima dôr agudissima, que lhe dilacerava o coração, sentiu Dorothêa que ainda estava n'este mundo. Estendeu a mão para o lado de Ephrem, e com uma voz que mais parecia celeste do que humana, lhe disse:

—Adeus, meu pae; eu vou orar por vós. Lembrae-vos de que só em nome de Christo nos poderemos encontrar no céu, e de que sem fé ninguém se poderá salvar!

—Parae! gritou outra voz bem conhecida da donzella. Guardas, em nome de Fabricio um instante ainda! Quero fallar a essa mulher pela ultima vez.

E, afastando tudo na passagem, Theophilo aproximou-se intrepidamente da joven martyr.

Arrançou as aguias das mãos d'um centurião e, apresentando-as a Dorothêa, lhe disse:

—Conjuro-te uma vez ainda que renunciés a essa impia doutrina dos christãos, e sacrificies aos deuses da tua infancia. Olha, vê como brilha ao sol a espada que te ha-de cortar a cabeça. Não te sentes estremecer?

Dorothêa benzeu-se para protestar mais uma vez a sua crença. Depois disse:

—Os soffrimentos da vida presente não teem comparação com a gloria da vida futura. Morrerei com alegria pelo Deus que unicamente amo.

—Assim, disse Theophilo com uma voz em que se manifestava toda a sua agonia, persistes no erro e recusas ser minha esposa?

—Eu creio em Deus, em tres pessoas, confessou Dorothêa, e já te disse que não conheço outro amor que não seja o do Christ, meu Salvador.

—Cala-te! exclamou Theophilo. Pois que! Não terás tu uma saudade, uma lagrima por quem amaste na terra? Os christãos petrificaram teu coração?

Por unica resposta a martyr levantou para Theophilo os olhos cheios d'uma bealitude ineffavel.

A este olhar não se pôde conter o joven advogado. Tudo o que havia de dôr, de piedade e de ternura no fundo de sua alma, rebentou n'um excesso de furor que parecia odio. Na sua raiva apanhou a seus pés uma pedra, mas envergonhado de si mesmo conteve-se no momento em que a ia atirar sobre Dorothêa.

—Morre pois, exclamou elle tremendo e com escuma nos labios, e possam os deuses resumir todos os supplicios n'esse supplicio d'um instante! Carrasco, disse para o executor, que esperas para fazeres o teu dever? Esta desgraçada não tem já blasphemado bastante? Não sabes tambem que esta inimiga dos deuses acaba de seduzir duas mulheres, enviadas á sua prisão para a dissuadirem do erro? Que ella morra antes que propague mais a superstição e a mentira, antes que faça mais algum discipulo d'essa seita maldita!

Dorothêa não respondeu a esta torrente de imprecacões. Apenas disse com voz desfallecida, como o seu divino Mestre:

—Tenho s'ede.

Havia á beira da estrada, uma fonte que murmurava docemente ao pé d'onze palmeirinhas consagradas a Adonis. Um soldado romano, tocado de compaixão, foi encher o seu capacete d'essa agua, e offerreceu-a a Dorothêa. Mas ella afastou a cabeça, dizendo:

—Não posso beber d'essa agua, porque é consagrada aos idolos. Ha no reino do meu celeste esposo uma fonte inexgotavel, na qual me saciarei; pois elle disse: *Aquelles que teem fome e sede serão saciados.*

Theophilo deu uma gargalhada estridente, que parecia d'um louco.

—Impia! exclamou elle com raiva. Se é tão poderoso esse crucificado a quem chamas teu esposo e que a mim preferiste; se elle é rei e Deus, que refrigere a tua sede ardente, e do seu reino te envie fructos e flores.

Dorothêa entreabriu o seu manto e d'elle tirou um ramo de palmeira carregado de fructos, embora não fosse a estação propria d'elles, e um lyrio aberto com sua haste, o mais bello que o céu teria visto florir.

—Eis aqui flores e fructos do reino do meu bem amado; disse ella a Theophilo apresentando-lhe estes dous milagrosos. Este lyrio é a imagem da sua belleza immaculada, estes fructos o symbolo das delicias que nos esperam, depois de termos triumphado da carne e do mundo. Havemos

de comer d'estes fructos no cœo, Theophilo, porque tu tambem has de morrer christão.

O joven advogado estava immovel e pallido, um suor glacial lhe aljofrava a fronte e testemunhava a revolução que lhe ia na alma. Este prodigio deitava-lhe por terra todo o seu passado e descobria-lhe como um horizonte sem meta, o sentido d'aquella vida futura que Dorothea chamava eternidade.

A santa olhou para elle com uma doçura infinita e lhe disse:

—Recusarás este ultimo presente d'uma irmã! Não sejas incredulo, mas fiel. Adeus, Theophilo; eu vou esperar-te no celeste jardim que produzia estes fructos e estas flores. E agora, continuou dirigindo-se para o executor que brandia a espada, apressa-te de me unir aquelle que me chama.

—Espera! exclamou Theophilo fóra de si. Eu quero morrer contigo! Compreendendo a tua sublime loucura! Dorothea, tu és um anjo, perdôa-me.

Mas a donzella já não o escutava. Ajoelhada piedosamente sobre a terra, afastava seus longos cabellos para offerecer a cabeça ao executor.

Neste momento passava o prefeito do pretorio. Recuou um passo á vista de Theophilo, que soberbo de enthusiasmo e de audacia, e transfigurado pela graça, lhe gritava:

—Sou christão! Quero o baptismo de sangue!

O prefeito julgou-o louco. Olhou estupefacto para elle um momento. Durante esse momento a cabeça de Dorothea caia sobre o solo.

V

O enviado imperial levantava-se da meza. Tomou o negocio alegremente e poz-se a rir.

—Como! disse, tambem elle perde a cabeça! E' pena. Uma tão boa cabeça?

Modesto alludia ao brilhante successo alcançado pelo joven advogado durante a ultima década.

—Chama-me louco, se queres, respondeu Theophilo. Sim, eu sou como aquelle anjo, um dos loucos do divino crucificado. Declaro infames e dignos de gemmônias Jupiter e todos os outros deuses! Ordena que eu morra, que o meu sangue vá juntar-se ao da minha amada, e a minha alma unir-se á sua nas soberanas regiões da luz e da justiça. E lla espera-me junto do nosso Deus, do nosso Deus que é o unico verdadeiro.

—Com certeza, disse o prefeito, este tambem está louco. Seja: esta loucura, pelo que parece, é contagiosa. Já que elle quer, execute-se immediatamente. E' preciso que cada um seja feliz a seu modo.

E o digno commissario de Maximiano ria a bandeiras despregadas d'este seu dicto, olhando estupidamente para os dous guardas que o acompanhavam, por não ter deante de si outra gente a quem fallasse.

Depois continuou o seu caminho.

.....

Passados alguns minutos dous regatos de sangue corriam para a fonte pura onde se reuniam. Assim separados sobre a terra,

Dorothea e Theophilo estavam unidos no cœo no mesmo destino, no mesmo amor, n'aquelle divino amor que os tinha feito martyres.

Estes dous santos são nomeados juntos no calendario gregoriano.

O clero na camara dos deputados

Discurso de s. exc.^a rev.^{ma} o sr. dr. Pires de Lima, governador do bispado de Aveiro, na sessão de 15 de maio

(Conclusão)

Não preciso negar facto algum que a historia conta; dou como assentados e como verdadeiros todos aquelles que ella affirmava, fundada em documentos irrefragaveis; mas nenhum d'esses factos prejudica a minha argumentação. Só pergunto: Ha na sociedade alguma classe isenta de defeitos? Se ha, venha essa atirar a primeira pedra ao clero. (Apoiados.)

Tenho a honra de governar um bispado, ha largos annos; muitas vezes me tem sido dirigidos requerimentos e pedidos particulares para que lla vão missionar padres de fóra da minha diocese, e até agora o meu despacho para aquelles, e a resposta a estes tem sido sempre desfavoraveis a semelhante pretensão por não ter necessidade de acceptar os seus serviços.

Na minha diocese ha setenta e tres parochias, cada parochia tem o seu parcho, algumas tem coadjutores e quasi todas mais ou menos presbyteros sem beneficio.

Até ao presente não tenho sentido faltas, que os de fóra pudessem vir supprir.

Para as necessidades ordinarias das parochias bastam os padres residentes em cada uma d'ellas; para as extraordinarias, tenho no bispado muito aonde recorrer.

Ha tempo appareceu em duas freguezias d'elle uma propaganda protestante.

Escolhi padres sujeitos á minha jurisdicção, aos quaes podia tomar conta dos seus actos, aos quaes podia tornar responsaveis de qualquer abuso que commettessem, padres de cuja illustração e virtudes eu estava bem certo, e incumbi-os de ir ás freguezias onde estava estabelecida a propaganda.

Foram, fizeram conferencias segundo as minhas indicações e tão efficazes foram essas conferencias, que a propaganda protestante cessou inteiramente. Eram missionarios, mas do bispado, e fizeram bom serviço.

Não precisei de padres estranhos, e terei difficuldade em admitir estes para missionar, porque só quero para me coadjuvar padres a quem possa exigir a responsabilidade do que fazem.

Como sou responsavel pelo governo do bispado não quero senão empregar quem mereça a minha inteira e completa confiança. (Apoiados.)

Os padres que vão de fóra do bispado missionar, offerecem ás vezes um perigo

muito grande. Chegam a uma freguezia, querem rivalisar com o parcho, mostrar mais zelo do que elle e exaggeram o sentimento religioso, o que muitas vezes produz mau resultado. (Apoiados.)

A irrelição é um mal, mas o fanatismo tambem o é. E se alguém for obrigado a decidir qual é maior, collocado entre a inercia fria e indifferente d'aquella e as exaltações febris e delirantes d'este, talvez hesite muito antes de resolver. (Apoiados.)

Lembrar-se-ha muito dos males gravissimos que a irrelição produz, mas não se esquecerá de que os crimes mais foios que ennoadam a historia da humanidade foram produzidos pelo fanatismo religioso, (Apoiados.) e pelo fanatismo politico tambem. Quanto a mim não sei de paixões mais azadas para perturbarem entendimentos ainda os mais fortes e claros do que as paixões politicas e as paixões religiosas, quando se tornam exaggeradamente intensas. (Apoiados.)

Sr. presidente, eu quero que vão para a Africa missionarios, não para disputarem preferencias com os parochos que já lla temos, mas para annunciar o Evangelho e para converter ao catholicismo aquelles que a elle ainda não pertencam; quero que vão sem exaggerações que podem ser inspiradas por muito boas intenções, mas que dão mau resultado, e que não tem como consequencia senão tornarem odiosa a religião dos nossos paes.

Não gosto de exaggerações em cousa alguma.

Ha muita gente que teme e receia dos padres, porque os suppoem contrarios á liberdade. Na opinião d'ella a igreja é alliada natural do absolutismo, e só com este pôde viver desafogadamente.

Em tudo isto ha erro e erro grave. E' certo que parte do clero portuguez não sympathisa com as instituições liberaes. Recibe todos os dias desconsiderações dos poderes publicos, e lembra-se por isso com saudade do antigo regimen, ao qual mereceu mais attenções e mais justiça. Suspira todos os dias pela resurreição impossivel de um passado que morreu e morreu para sempre. (Apoiados.) Por outro lado os governos e os parlamentos, lembrando-se de quanto o clero empecou entre nós o systema constitucional, e julgando opinião politica constante e geral de uma classe o que só foi opinião temporaria e é hoje opinião individual de alguns membros d'ella, não cessam de hostilizar todos os padres, menos pelo facto de serem padres do que pelas opiniões politicas que lhes attribuem.

Se estes, attendendo mais em as necessidades actuaes da nação e até nas conveniencias da propria igreja, modificassem as suas idéas politicas, por certo tenho que dos poderes publicos receberiam, em lugar de injustiças, as provas de consideração, a quem tem inquestionavel direito. De resto, não é verdade que todos os padres portuguezes sejam inimigos das instituições liberaes. (Apoiados.) Eu por mim digo—sou padre e prezo-me de ser liberal em politica.

Sou liberal pelas tradições da minha familia, e sou liberal por convicção funda, convicção radicada no meu espirito pelo estudo e pela reflexão.

Considero a liberdade necessaria para o desenvolvimento do homem e necessaria

tambem para o progresso da humanidade. (Apoiados.) A escravidão é opposta á natureza humana, não pôde favorecer a civilização. *Apoiados.*

Milito n'um dos partidos monarchicos mais avançados.

E sabe v. ex.ª a razão porque milito n'este partido? É porque nos partidos monarchicos d'esta terra não ha outro mais avançado ainda.

Quando se pensava na formação do partido progressista, o meu illustre chefe o sr. Braamcamp, que nunca sabe fallar ás attensões que entende dever ter para com todos os seus correligionarios, fez-me o favor de me mandar o projecto do programma do novo partido, perguntando a minha opinião, e a resposta foi que aquelle programma ainda ficava muito aquém das minhas idéas. E se hoje surgisse n'este paiz um partido monarchico mais avançado do que o partido progressista e que mais se approximasse do meu ideal e das minhas aspirações politicas, eu, apesar do respeito e muita estima que tenho pelo sr. Braamcamp, sem deixar de manter com s. ex.ª as boas relações particulares que nos têm ligado, cessaria de fazer parte do partido progressista e iria alistar-me n'esse outro. E não dava a ninguem o direito de me chamar apostata.

Respeito muito e muito o meu honrado chefe, mas em politica acima das pessoas por mais respeitaveis que sejam, colloco sem hesitar os principios e as idéas. *Apoiados.*

Sou padre, e, repito, em politica sou liberal tambem. Não encontro incompatibilidade alguma em ser ao mesmo tempo uma e outra cousa.

Desejaria mais avançadas instituições no paiz, e nutro este desejo principalmente, olhando para as circumstancias actuaes da igreja lusitana, que do estado recebe apenas uma protecção mais apparente do que real, mas que não tem, nem gosa da liberdade que direito lhe compete e de que ha mister.

O catholicismo dá-se melhor na Belgica e nos Estados Unidos, cujas constituições são mais liberaes do que a nossa.

É falso que a igreja catholica seja inimiga da liberdade.

Não é, nem o podia ser. O catholicismo prospera e engrandece-se mais nos paizes regidos por instituições liberaes e republicanas do que em as nações em que existe ainda o systema absoluto.

A vida do catholicismo não está dependente dos favores do estado.

Pelo contrario, quando em uma nação o imperante persegue a igreja, é então que esta tem dias de maior esplendor.

A prova está na historia. Veja-se o que aconteceu no periodo decorrido desde Nero até Diocleciano, e diga-se depois se a igreja teve dias que se possam comparar com os d'esse periodo brilhante?

A phrase celebre— *sanguis martyrum semen christianorum* — é tão conhecida quanto verdadeira.

A hostilidade movida contra os padres tem variadas causas, e entre estas não é a menos importante o preconceito de que o catholicismo se oppõe ao progresso da sciencia.

Alguns até, esquecendo a historia, que

testimunha de um modo inequivoco terem as letras e as sciencias prosperado e desenvolvido á sombra e com a protecção da igreja, não hesitam em inculcar o clero como fador do obscurantismo e empecilho do deramamento das luzes. É certo porém, que a igreja, exigindo de todos os seus filhos a accettazione das verdades religiosas sobre as quaes ella tiver pronunciado o seu juizo, não prohibe, antes deseja e anima a discussão e o exame dos variadissimos assumptos, pertencentes a todos os ramos da sciencia, e dos quaes se pôde occupar com perfeita independencia o espirito investigador do homem.

Sei que até se ousam chamar acanhadas as crencas catholicas, mas a esse respeito lembro a phrase elegante e insuspeita de Renan, que apesar do seu tão livre pensar no discurso pronunciado na sua entrada na academia franceza, onde ia occupar o lugar vago pela morte de Claude Bernard, se via obrigado a confessar, referindo-se ás doutrinas do catholicismo, que *não é permittido qualificar-as de estreitas, visto como n'ellas se têm achado á larga genios eminentes.* *Vozes:—* Muito bem.

Em verdade não comprehendo como espiritos illustrados, aos quaes não escasseia o conhecimento do passado, se mostram pouco favoraveis ao catholicismo, quando é certo que este ha prestado ao genero humano serviços relevantissimos.

Se no seculo actual possuímos uma civilização pomposa e brilhante, da qual justamente nos ufamamos, de onde provem essa principalmente?

Em meu parecer a civilização do seculo XIX, é o producto de tres factores, o elemento germanico, o elemento romano e o elemento christão.

A humanidade, para chegar á cultura que hoje tem, aproveitou muitas das ruinas da civilização romana, algumas tendencias boas dos chamados barbaros do norte, e principalmente o influxo eminentemente benefico e regenerador da igreja, cujo espirito, doutrinas e maximas se infiltraram lenta e gradualmente nas sociedades modernas, penetrando nos costumes dos povos nas suas idéas, leis e instituições, n'uma palavra em todas as manifestações da nossa vida social.

Mas se o elemento religioso concorreu em grande parte para a civilização da Europa, porque não pederá concorrer tambem e muito para a civilização da Africa, e em geral para a civilização das nossas possessões ultramarinas. *Apoiados.*

Li algures que para o catholicismo havia passado o tempo, e que a missão d'elle sobre a terra estava já cumprida.

Li tambem que ao genero humano corria o dever de substituir essa forma religiosa caduca e velha, por outra mais consentanea ao espirito moderno, ou até dispensar absolutamente todas, quaesquer que fossem.

Eu penso de um modo muito differente. A religião não é nem pode ser objecto de moda. Abandonar uma verdade que se possui é imprudencia e imprudencia grave. Se querem supprimir a religião, extingam primeiro as paixões ruins dos homens, paixões que só hão-de morrer quando se extinguir e morrer o genero humano. *Apoiados.*

Não pensem que o catholicismo hoje nada tem a fazer. Hoje mais do que nunca é elle util, e sobre util necessario e indispensavel.

Na epocha que atravessamos, em que tudo se sujeita á analyse e á critica, em que nada escapa á discussão, espalham-se, e espalham-se com insistencia, doutrinas subversivas que vão atacar radicalmente os fundamentos em que assenta a sociedade moderna.

At d'esta, se a fé lhe não acudir, contendo a tempestade que ameaça tomar proporções assustadoras. *Apoiados.*

E vem aqui a proposito dois factos, ambos contemporaneos, que a camara me permittirá referir. Quando na Alemanha o principe de Bismark submettia ao exame do parlamento um projecto de lei extremamente rigoroso contra os socialistas, levantava-se um deputado, notavel pelas suas idéas radicaes, e combatendo o pensamento do chanceller do imperio germanico ao procedimento que este tivera contra o clero allemão, attribuia principalmente o desenvolvimento do agorismo, a cujos progressos se intentava agora atalhar por um modo tão singular. O testemunho é unsuspeito, e não é para desprezar. Não sei a quem pertence; a minha memoria não é fiel para conservar nomes, e a maior parte das cousas que vou dizendo não são resultado de uma leitura recente, são recordações de leituras passadas.

Ainda outro facto e este recentissimo. Um dia estando eu em Aveiro, governando a diocese, nas horas que soejavam das minhas obrigações, lia um livro moderno, publicado o anno passado em França e n'esse livro a phrase seguinte, ou outra equivalente:— *A epocha do papado passou, desde que elle perdeu o poder temporal, perdeu todo o prestigio; o papado está morto.* Apontei á margem com um lapis este trecho e fui tratar de outras cousas.

N'esse mesmo dia, um pouco mais tarde, recebia pelo correio, segundo o costume, a correspondencia, e com ella differentes folhas periodicas.

Haviam tido logar, pouco antes, os attentados que encheram de susto a Europa e em que se tornaram tristemente celebres os nomes de Nobiling, Passavante e Oliva.

Abri os jornaes, e entre os telegrammas n'elles publicados deparei com um, annunciando que o pontifice tinha drigido uma allocução aos bispos da christandade, na qual, estigmatizando em phrases severas o procedimento de desvairados energumenos que, trocando a logica pela violencia, a discussão pelo revolver e pela faca, pretendiam elevar o assassinio á categoria de argumento para resolver problemas sociaes e questões politicas, exhortava os successores dos apóstolos a vigiarem pelo deposito da fé, e hoje mais do que nunca lembrarem e ensinarem as sãs doutrinas da nossa religião.

Decorreram dias, e em todos elles o correio me ia trazendo, segundo o costume, jornaes portuguezes e estrangeiros.

E, cousa notavel, todos, todos sem excepção fallavam das palavras do pontifice, todos reproduziam excerptos da allocução, todos commentavam ao sabor das suas paixões e doutrinas as phrases do vigario de Christo. Todos, de todos os matizes e côres

políticas, de todas as escolas e de todas as proveniências.

Lembrei-me então do livro, da leitura interrompida, do trecho apontado com um traço a lapis, e de mim para mim disse: — realmente o papado está a acabar, foi-se, morreu.

Falla um rei qualquer dos mais poderosos da terra, falla, e o echo das suas palavras difficilmente transpõe as fronteiras da sua nação. Falla o pontífice, e é ouvido pela humanidade inteira! *(Apoiados.)* E não vale já nada o pobre papa!

Não vale nada, e os jornaes todos, e todos os órgãos da imprensa, se occupam das palavras por elle proferidas, pesam-lhe a importancia e calculam-lhe o alcance! Decedidamente o papado morreu!!

Por muito tempo se fallou o discutiou o notavel documento saído do Vaticano, acolhido por todos com respeito, saudado com enthusiasmo por todos que prezam a ordem, e n'ella vêem garantida a continuação do progresso e da civilização do mundo. Respeito e enthusiasmo só o não sentiram os socialistas. Feridos e mal feridos pelo Vaticano, não houve insulto nem injuria que não dirigissem a quem por tal arte lhes tolhia o passo no seu caminho de exterminio. E tudo isto porque o catholicismo já não presta, e porque o papado já não tem prestigio nem auctoridade. *Vozes:—* Muito bem.

Faz mal quem despreza o elemento religioso. Se queremos regenerar as nossas colonias, mandemos para lá padres e missionarios, muitos padres e muitos missionarios.

Se a isto não nos movem outras considerações, decidam-nos as considerações políticas, que nos estão, não só aconselhando, mas obrigando imperiosamente a cuidar da egreja do ultramar, se queremos conservar o dominio portuguez em as nossas vastas possessões.

Já fomos grandes, já dispozemos de poderosas armadas, e de grandes exercitos. N'esse tempo governavamos as colonias pelo terror. Para conter os indigenas bastava o respeito da nossa bandeira. Alem d'isso, havia entao a escravatura, macula que já não existe, vergonha que desapareceu, pelo menos, legalmente, senão inteiramente de facto tambem.

E não existe, graças principalmente aos grandes esforços e ao zelo incomparavel com que se empenhou na sua abolição um dos maiores, senão o maior homem que Portugal tem produzido n'este seculo, o illustre Marquez de Sá da Bandeira. *(Muitos apoiados.)*

E ninguem se admire de eu chamar ao Marquez de Sá da Bandeira o mais illustre dos portuguezes nascidos n'este seculo. Se erro, errou antes de mim Alexandre Herculano, e faz gosto errar com vulto tão eminente, e de que ninguem se pode lembrar senão com saudade: *(Muitos apoiados.)* com um homem cuja perda foi irremediavel para as letras patrias, *(Muitos apoiados.)* e cuja memoria eu, que discordo, e muito, de muitas das suas idéas, especialmente d'aquellas que apresentou, nos ultimos annos da sua vida, em assumptos religiosos, respeitarei sempre, pela elevação inquestionavel do seu talento, elevação tal e tão grande, que só tinha igual

na grandeza do seu caracter immaculado. *(Apoiados.)*

Hoje não temos grandes armadas, grandes exercitos; os pretos já não vivem sujeitos ao jugo da escravatura; e a tendencia dos governos é para substituir os governadores militares pelos governadores civis. Tudo diz que Portugal quer e deve mudar completamente o systema de governar as suas colonias. A violencia, a oppressão, ao terror, queremos e devemos substituir a justiça, a liberdade, a brandura e o amor.

E mal de nós se o não fizermos. A Inglaterra não cessa de olhar com olhos ambiciosos e soffregos para as nossas possessões do ultramar. Já nos quiz tirar Bolama e Lourenço Marques, que escaparam pelas negociações diplomaticas que houve; mas, se fomos felizes duas vezes, podemos não o ser terceira. Se dermos motivo ao descontentamento dos nossos colonos, a nossa fiel alliada o saberá explorar em proveito seu. *(Apoiados.)*

Precisámos de ganhar a afeição dos indigenas, e ninguem nol-a pode conquistar melhor do que os missionarios. Lembremo-nos da historia. Foram os missionarios que trouxeram Timor para a coroa portugueza; foram os missionarios que tornaram estimado e respeitado o nome de Portugal em Ceylão, e tão estimado e respeitado, que hoje, decorridos seculos depois de a perdermos, ainda os seus habitantes entendem e fallam o portuguez, e nos consideram como seus patricios e concidadãos.

O nosso dominio nas colonias africanas pode firmar-se com o auxilio dos missionarios.

O sr. *Souza Machado:—* Apoiado.

Orador:— Mais ainda.

Os missionarios podem prestar tambem grandissimos serviços, a nós e ao mundo, nas explorações geographicas e scientificas do continente africano, vindo d'este modo a ser a um tempo missionarios da religião e missionarios da sciencia. Não cause estranheza a minha ultima afirmativa.

Eu fazia tenção de desenvolver largamente este ponto, como outros muitos que desejava tratar n'esta sessão, mas infelizmente a hora vai adiantada, e eu estou realmente muito cansado. Vou por isso, concluir já. Antes, porem de o fazer, apresentarei rapidas considerações sobre um assumpto, dos muitos que tinha a tocar, o qual reputo mais importante.

Todos sabem que o periodo que decorreu desde o infante D. Henrique até a usurpação hespanhola foi um periodo brillantissimo para Portugal, periodo em que Portugal marchou na vanguarda do progresso no que respeita à navegação.

Não fallo ou escuso de fallar dos esforços que fez e dos serviços que prestou o infante D. Henrique e que foram continuados e em tanto e valor pouco commum nos annos seguintes. Quero só fallar de D. João II, que foi um dos nossos reis que mais se empenhou nas explorações scientificas no interior de Africa. D'isso dão testemunho os livros antigos. E para não citar outros lembrarei que na historia de S. Domingos conta fr. Luiz de Sousa que D. João II mandava escolher nas ordens religiosas,

missionarios que, alem das sagradas letras, fossem entendidos nas mathematicas para que nas horas que lhes vagassem da pregação, fossem inquirindo algumas noticias, que transmittissem para o reino. Esta lembrança do rei, aproveitada e seguida pelos seus successores, deu optimos resultados.

As informações e indicações que os missionarios trouxeram para a Europa deram logar a fazerem-se cartas geographicas do continente africano que se publicaram no decurso dos seculos XVI, XVII e XVIII, muito mais perfectas e minuciosas do que as publicadas no começo d'este seculo.

As cartas geographicas publicadas no principio d'este seculo são muito omissas e deficientes em relação ao interior de Africa. N'ellas foram eliminadas cuidadosamente as indicações feitas pelos missionarios, ou porque assim o exigia o odio votado á igreja e aos trabalhos feitos pelos seus ministros, ou porque este seculo illustrado e sabio não tinha nem queria revelar grande confiança nas informações dadas por ignorantes clérigos.

Hoje os viajantes e exploradores africanos, e entre outros Cameron, restituíram aos missionarios portuguezes honras que directamente lhes competem, e não hesitam em afirmar que as noticias dadas por elles sobre o interior de Africa, se approximam espantosamente da verdade, e que devem considerar-se de grande exactidão as cartas geographicas feitas segundo essas noticias.

Todos sabem que nos seculos XVI e XVII os missionarios portuguezes fizeram mais de uma vez a travessia da costa oriental de Africa para a occidental e vice-versa.

E o sr. ministro dos negocios estrangeiros, que é muito illustrado, e que me está ouvindo com tanta attenção, a qual muito lhe agradeço, ha de reconhecer provavelmente o itinerario traçado por Godinho, de uma travessia realisada em 1562 por um jesuita portuguez, cujo nome a historia occulta, o qual foi da costa occidental para a oriental de Africa, de Angola para Moçambique, assim como ha de conhecer provavelmente a narração d'essa viagem, escripta por Garcia d'Orta, que em Goa conheceu o arrojado missionario.

Alem d'esta muitas outras houve.

Dois annos antes, em 1560, havia sido intentada uma, mas no sentido inverso, de oriente para occidente. Infelizmente não pôde ir a cabo.

O padre Silveira, jesuita tambem, saiu de Moçambique com direcção a Angola, internou-se no sertão, mas não logrou chegar até ao fim da sua peregrinação, pois que não tardou a ser victima do imperador de Monomotapa.

Se no tempo dos nossos reis os exploradores scientificos de Africa eram missionarios, talvez ainda hoje o podessem ser tambem.

A classe sacerdotal não é ignorante, como a muitos se affigura. Ha n'ella alguns sujeitos que, alem do Larraga, sabem mais alguma couza. *Riso—Apoiados.)*

Ainda ultimamente morreu em Roma o padre Secchi, astrónomo celebre, e cuja reputação era europèa. *(Apoiados.)*

E Liwingstone era padre, o que não o

impediu de ser muito sabedor e prestadio. (Apoiados.)

Era talvez melhor que os missionarios scientificos em Africa fossem padres. Talvez fossem preferiveis aos seculares.

Não quero empanar o brilho da formosissima auréola que circunda a frente dos viajantes modernos.

Reconheço a enormidade dos sacrificios a que se sujeitam; admiro o arrojo heroico dos seus commettimentos; respeito a abnegação e desinteresse das suas investigações, e curvo-me cheio de gratidão, diante da grandeza dos serviços que elles prestam á sciencia e á civilisação. *Vozes:* — Muito bem).

Mas parece-me que melhor iria a esta e áquella, se os exploradores scientificos fossem missionarios religiosos.

Um viajante qualquer saõ da Europa, vae á Africa, gasta semanas, mezes, um, dois, raras vezes tres annos a andar por aquelles paizes inhospitos. Depois regressa á Europa, e escreve as suas impressões de viagem e as descobertas que fez.

Não esteve sempre no mesmo ponto, teve de percorrer grandes distancias, soffrer muitas inclemencias, muitos incommodos, muitos perigos, febres, fome, sede, como aconteceu ao sr. Serpa Pinto. Tranquillidade e socego de espirito não esperem que o tivesse grande. Não se demorou tempo consideravel em nenhuma das terras que atravessou, não inquiriu com pausa os factos, nem observou com vagar os phenomenos, de que dá noticia. Desconhecido dos povos onde viajava, pouca confiança podia inspirar-lhes. Ignorando a lingua d'elles, nem os comprehendia, nem se podia facilmente fazer entender.

Querem que eu dê credito inteiro e completo ás suas revelações?

Supponhamos que vem um inglez a Portugal; inglez que não sabe a lingua do paiz, ou que a saiba mal e imperfeitamente. Supponhamos que elle percorre as provincias de Traz os Montes, do Minho, da Beira, da Extremadura, do Alentejo e do Algarvo, gastando n'esto percurso, onde encontra caminhos de ferr., estradas macadamizadas, enfim todos os melhoramentos da civilisação moderna dois ou tres annos.

Deixem-n'o ir para Inglaterra e feiam-lhe depois as obras, se querem rir ás gargalhadas. (Apoiados.)

O missionario religioso não faz o que fazem os viajantes, faz o que tem feito o sr. Anchieta. Estabelece-se n'um ponto, e ali vive quatro, cinco e seis annos. Estada ou sabe já a lingua do paiz, e inspira e alcança auctoridade e prestigio nos indigenas.

Acredito muito nas investigações scientificas do sr. Anchieta, porque este notavel naturalista reside em Africa ha muitos annos, porque sabe as linguas ou os dialectos dos povos com quem vive, porque se applica com zelo e cuidado ao progresso da sciencia, porque se demora no mesmo ponto durante muito tempo. O seu estudo é pausado, consciencioso e seguro.

Acredito tambem muito nas descobertas e investigações feitas por Humboldt na America, porque Humboldt não fez uma viagem de recreio atravez da America; gastou cinco ou seis annos, (se a memoria me não engana) percorrendo-a, e houve pontos

em que se ficou durante um anno completo, e ate mais.

Nas descobertas e nas investigações feitas n'estas circunstancias confio eu muito.

As descobertas e investigações de um viajante que vae fazer muito rapidamente a travessia de Africa do oriente para o occidente, ou vice-versa não posso prestar o mesmo credito.

É por isso que eu quizera antes que os missionarios scientificos fossem padres do que fossem seculares, mas quando não queiram que os missionarios religiosos sejam ao mesmo tempo os exploradores scientificos, ao menos empreguem-nos como auxiliares d'esses exploradores, e creiam que hão de aproveitar.

N'uma das ultimas sessões da sociedade geographica da Belgica, discutiu-se largamente sobre os meios de facilitar e tornar menos perigosas e mais proficuas as explorações no continente africano, e um dos alvitres adoptado unanimemente foi o estabelecimento das *estações civilisadoras*, *estações onde os exploradores scientificos descansassem, recobrassem quanto possivel a saude deteriorada por uma viagem longa e difficilissima, cobrassem novos alento para continuarem n'ella, recebessem alimentos frescos para o caminho ainda a fazer, e se provesses de armas ou de quaesquer meios de defesa, enfim onde achassem tudo aquillo de que carecessem.*

Era para chefes d'essas *estações civilisadoras* que eu quizera tambem que se aproveitassem os missionarios de maneira que os missionarios seriam nos sertões da Africa o mesmo que na Europa são os monges do monte S. Bernardo.

É não supponha v. ex.ª que esta idéa é extravagante.

O sr. Serpa Pinto seria perdido para o paiz e para a humanidade, se não encontrasse durante a sua viagem um missionario francez.

Quando o nosso illustre patricio se encaminhava para o Transvaal adoeceu muito gravemente. A carta que elle escreveu n'essa occasião, se chegasse á Europa antes do telegramma vindo do Cabo, ter-nos-ia feito perder todas as esperanças de o tornar a ver com vida.

Em tão apertada conjunctura soube, porém, que a pequena distancia, porque n'aquellas alturas é pequena a distancia de 250 milhas, havia um missionario francez.

Encaminhou-se, pois, para lá ou antes fez-se para lá transportar e, segundo as declarações d'aquelle nosso compatriota, a esse missionario deveu elle o restabelecimento da saude e a conservação da existencia.

Os missionarios religiosos, pois quando não fossem exploradores scientificos, poderiam ser chefes d'essas *estancias civilisadoras*.

Estou cansado e não posso continuar.

Vou concluir, recommendando ao governo e á camara que se lembrem de uma cousa que nunca devem esquecer: o nosso passado. Tivemos um passado glorioso. Marchamos outr'ora na vanguarda do progresso. Em seculos em que começaram apenas a ser conhecidas nações que hoje nos olham

com deslem, fomos o espanto e a inveja do mundo. (Apoiados.)

Descobrimos para a humaidade e para a civilisação regiões completamente ignoradas até ahi. Empenhamos esforços grandes na cultura d'esses povos. Hoje não devemos parar no meio do caminho encetado. Seria vergonha não levar a cabo a empreza começada. Marchemos pois com passo firme na estrada que o dever nos aponta, e tratemos de desenvolver e augmentar a civilisação, que n'algumas colonias está já adiantada, e de a iniciar n'outras, onde ella não existe ainda. Mas para lograrmos este fim, é necessario não desprezar o elemento religioso, é necessario cuidar com zelo da igreja no ultramar, é necessario convencerem-nos de que a civilisação fundada sem a religião não é solida nem estavel.

Vozes: — Muito bem, muito bem.

(O orador foi complimentado pelos srs. deputados de todos os lados da camara.)

Discurso de s. exc.ª rev.ª o sr. Bispo de Bragança e Miranda, na sessão de 14 de junho

Sr. presidente, pedi a palavra em primeiro lugar para dizer a v. ex.ª e á camara que por motivo de doença não tenho podido comparecer ás sessões.

Sr. presidente, sinto não ver nas cadeiras do governo nenhum dos illustres membros do gabinete, porque n'esta occasião desejava definir perante o poder a minha posição como membro do parlamento, assim como desejava tambem, não digo interpellar, mas apresentar algumas reflexões ao gabinete sobre diversos assumptos, acerca dos quaes já n'esta sessão eu tive ensejo de dirigir ao governo transacto algumas perguntas; entretanto, apesar da ausencia dos cavalheiros que formam o actual ministerio, está v. ex.ª que, como dignissimo presidente d'esta camara, consubstancia em si toda a auctoridade e representação, e por consequencia posso fallar perante v. ex.ª e perante a camara como se estivesse presente o gabinete.

Eu respeito sempre as attribuições do augusto chefe do estado na organização dos ministerios que têm de dirigir o governo do estado, e por isso a minha posição perante o actual gabinete não pode ser outra senão a de concorrer quanto em mim caiba para que os cavalheiros que formam o gabinete possam desempenhar-se da sua missão, e procurarei prestar meu voto em tudo quanto seja ordem, moralidade e progresso; e acrescentarei que não conheço estabilidade e garantia no progresso, senão quando elle esteja em harmonia com as civilisadoras e santificadoras maximas do evangelho, que a igreja conserva em deposito invariavel.

Eu já tive occasião de asseverar aqui, que não faço politica; entendo mesmo que a não devo fazer, não está na minha posição, nem tenho inclinação, nem habilitações para isso.

Como já disse, as minhas idéas são que haja ordem, moralidade, e progresso verdadeiro; e eu estarei sempre de accordo com

os governos que sustentem estes principios, e dar-lhes-hei sem hesitação o meu apoio franco.

A sessão legislativa está a terminar, e eu desejava antes que ella findasse dirigir-me ao sr. ministro da marinha, que muito particularmente respeito como nosso collega, como um dos membros mais caracteristicos da nobresa dos nossos antepassados, e a quem além d'isso devo obrigações muito especiaes pela benevolenta attenção que me tem prestado por mais de uma vez n'esta camara; queria saudar s. ex.ª muito especialmente e com sincero affecto pela sua ascensão ao poder, achando-se encarregado da gerencia da pasta da marinha e ultramar, com que eu tenho relações mais especiaes na qualidade de superior do collegio das missões ultramarinas.

V. ex.ª está mui bem certo, e toda a camara, que na sessão de 9 do mez ultimo foi votado n'esta casa um projecto acerca da criação de um collegio filial de missões, sendo aproveitado para esse fim o edificio do extincto convento de Chellas e a sua dotação.

Esse projecto, apesar da humildade da sua iniciativa particular, recebeu o apoio d'esta camara, quando apresentado aqui na sessão de 1 de fevereiro.

O governo de então declarou, na commissão de negocios ecclesiasticos, que de bom grado o acceptava.

No dia 9 de maio, dia para mim sempre memoravel, foi, como disse, aquelle projecto votado n'esta camara por unanimidade, pronunciando na mesma occasião discursos muito curtos, substanciosos e, como sempre, magnificos, alguns dignos pares, cujos nomes deixo agora de repetir para não offender a sua modestia.

O sr. Costa Lobo, que de principio fizera um ligeiro reparo, confessou que as suas duvidas tinham sido satisfeitas por uma succinta explicação que tive a honra de lhe dirigir, manifestando logo o meu apoio ao projecto, que, permitta-se-me dizel-o, foi victoriado, talvez em virtude do bom conhecido favor com que tenho sido sempre aqui tratado pelos dois dignos pares, meus amigos e de minha familia, que n'essa occasião pronunciaram os alludidos discursos, srs. marquez de Vallada e conde do Casal Ribeiro.

Este digno par não só aprou o projecto, mas ainda acrescentou mais a positiva e reiterada recommendação, que peço licença á camara para aqui recordar, tendo um periodo do brilhante discurso, pelo qual o digno par sr. conde do Casal Ribeiro recommendou ao governo que se esforçasse para que na camara electiva fosse approvado e convertido em lei aquelle projecto.

Disse o digno par:

«Approvo plenamente a iniciativa do prelado de Bragança, porque é uma boa obra, uma obra patriótica; mas o que desejo é que este voto não seja a expressão de um bom pensamento; é que esta proposta, a primeira que na actual sessão legislativa sae d'esta casa do parlamento, seja em breve convertida em lei do estado. E' isto que eu espero, e o que de certo significa o accordo manifestado pelo governo perante a commissão...

«Confio que tomará como cousa séria e grave o dever de empregar todos os esfor-

ços para que este projecto seja convertido em lei, recebendo a sanção da camara dos senhores deputados.

«É n'este sentido que eu voto, porque é preciso que o projecto se torne uma verdade pratica.»

A esta recommendação do digno par respondeu o sr. ministro da marinha, Thomaz Ribeiro, o seguinte:

«Devo declarar que o governo tem todo o empenho em que este projecto seja convertido em lei do estado, e que na pratica tenha a realisação que o digno par, o sr. conde do Casal Ribeiro, deseja.

«A fonte d'onde nasceu esta medida... e a auctoridade que recebeu da illustre commissão que a approvou unanimemente, e a que lhe provem da brilhante discussão n'esta camara, que só tem tido attensões para o pensamento que a dictou, tudo isto é sufficiente garantia para que na camara dos senhores deputados possa brevemente ser convertido em lei este projecto.»

O que se vê de tudo isto, sr. presidente, é que o projecto está muito bem encaminhado; mas é cer o que não poucas vezes ha negocios que, apesar de bem encaminhados, não chegam ao fim que se pretende.

O projecto acha-se ainda na commissão de negocios ecclesiasticos na outra casa do parlamento, segundo me consta, e não se tem promovido o seu andamento, porque no dia immediato aquelle, em que o projecto se discutiu n'esta camara, adoeceu o sr. Thomaz Ribeiro, então ministro da marinha.

O parlamento está proximo a fechar-se, e a approvação d'aquelle projecto é urgente e muito urgente, pois é necessario admitir alguns dos pretendentes a alumnos, cujo numero passa muito de vinte, que querem servir o estado e a igreja, dedicando-se ás missões ultramarinas portuguezas.

No projecto acha-se consignada a idéa de crear uma secção de ensino fabril, para serem n'ella instruidos principalmente os naturaes das colonias que quizerem applicar-se a este estudo, e sem professarem o estado ecclesiastico, contudo se proponham a coadjuvar com seus misteres os missionarios, com os quaes assim no mesmo collegio tenham recebido a mesma educação moral e religiosa.

E' certo que, como os missionarios são acostumados a uma vida regular e austera, certamente os que forem educados conjunctamente darão uma excellente garantia para o desenvolvimento moral e civilizador das nossas colonias.

Este estabelecimento deve começar a funcionar em outubro, que é o tempo em que principiam os estudos.

Desejava eu, portanto, pedir ao sr. ministro da marinha que em harmonia com os pronunciad's votos d'esta camara, da qual s. ex.ª é membro tão conspicuo, e pela sua posição de ministro da coroa, houvesse por bem promover a approvação d'aquelle projecto na outra casa do parlamento; e quando, por qualquer motivo, isto não seja actualmente possivel, substituísse essa approvação por meio de um decreto, concedendo provisoriamente o convento de Chellas, em vista da auctorisação da lei de 12 de agosto de 1856.

Além do desejo que tinha de fazer esta recommendação ao sr. ministro da mari-

inha, desejava muito particularmente dirigir-me ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, para lhe lembrar o momentoso negocio do tratado de Portugal com a China. Eu sei que este assumpto foi tratado com muita proficiencia por o sr. deputado por Macau, e respondido categoricamente pelo sr. Andrade Corvo, então ministro dos negocios estrangeiros. Aquelle cavalheiro expoz as razões da sua interpegação, que tinha por incentivo o pensamento dos interesses representativos do governo portuguez perante o imperio da China, e as vantagens do commercio.

Eu, porém, limito e circumscrevo mais a razão da minha exigencia: peço uma garantia para as vidas de um ou dois mancebos portuguezes que, dedicados ao amor e serviço da mãe patria e da religião, cortaram pelos laços da familia, pelas commodidades do lar paterno, e sem ter as vistas nas vantagens ou recompensas, porque não lhes são promettidas, professam a dura vida de missionarios portuguezes heroicamente na ilha de Hai-nan, tomando os avessos habitos de vida e traje chinez para ali propagarem o evangelho, e conservarem a unica reliquia do nosso padroado, n'outra ora tão florescente na China!

Entrou o sr. presidente do conselho.

Acaba de entrar na sala o sr. presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros. Peço, pois, a attenção de s. ex.ª para repetir o que estava dizendo.

Acabei de dirigir os meus respeitos ao governo do meu paiz, e de declarar franca e lealmente, que estava prompto a cooperar com o meu voto a favor de tudo quanto seja ordem, moralidade e progresso. Acrescentei que não conhecia estabilidade nem garantia no progresso, senão quando acompanhado pelas civilisadoras e santificadoras maximas do Evangelho, que a igreja catholica conserva em deposito invariavel.

Dirigi-me depois ao nobre ministro da marinha sobre um assumpto especial da sua gerencia; e estava tendo a honra de me dirigir a v. ex.ª, na qualidade de ministro dos negocios estrangeiros, para chamar a sua attenção sobre um negocio grave, qual é a necessidade de um tratado entre Portugal e o imperio da China.

Estava ponderando que esta minha recommendação não se baseava nos interesses commerciaes, nem mesmo na representação do paiz, mas sim na conveniencia e momentoso dever de garantir a vida aos dois mancebos que ha pouco tempo deixaram o seu paiz, para irem salvar a ultima reliquia do nosso antigamente brilhante padroado na China.

Abandonar estes mancebos, que apenas revestidos de sacerdocio abraçaram heroicamente tão ardua missão, sr. presidente, é justificar tudo quanto se tem dito do desleixo em que se tem conservado as missões no nosso padroado. (Apoialos.)

Tenho muito a peito instruir os alumnos do collegio das missões no patriótico empenho de se dedicarem á reivindicção da honra do nome portuguez, que tem sido tão mal apreciado. Mas eu temo que elles possam com razão arguir-me de que os illudo e sacrifico.

Os nossos dois missionarios que foram para aquella terra do imperio chinez estão

desamparados, sem garantia alguma. fazendo assim contraste lamentavel com as vantagens que circundam os missionarios francezes. A par d'estes, que são protegidos por uma nação poderosa, estão como só abandonados a si proprios os nossos dois mancebos saídos dos bancos das aulas, e apenas ordenados nas vespéras da partida, e que assim mesmo já prestaram os serviços que em outra sessão tive a honra de mencionar á camara.

Mas, a sua vida está em perigo; a faculdade de prégar e de transitar não lhes é garantida. Andam á mercê, á sombra dos missionarios francezes, que os haviam precedido! Isto sr. presidente, não pôde continuar assim!

Eu confio muito na siseudez, na reflectida meditação e prudencia do illustre cavalheiro, a quem me estou dirigindo, para que eu possa deixar de acreditar, que elle empregará todos os esforços conducentes a resolver este negocio, que ha muito tempo se acha embaraçado, e em que o credito portuguez está compromettido.

Eu hei de vir aqui sempre, como já o tenho feito, perguntar pelas diligencias que sobre tão ponderoso assumpto são empregadas para aplanar os embarços, que mais avultam.

Eu estou aqui fallando diante de um venerando caracter, que muito ennobrece esta casa do parlamento.

Todos sabemos que o sr. visconde da Praia Grande de Macau, com muita energia e patriotismo, tomou a peito este assumpto, e o levou a cabo conseguindo, durante a sua gerencia da pasta da marinha, celebrar um tratado entre Portugal e o imperio da China.

Occorreu um equívoco de traducção, e parece-me que nada mais seria necessario para se chegar a uma razoavel solução n'este negocio, do que recorrer a arbitragem por meio de uma nova versão dos dois authographos, feita em uma terceira lingua, em inglez ou em francez, por exemplo.

Reconhecida essa nova versão como authentica, e cotejando os dois textos com a versão authentica, poder-se-ia verificar se realmente houvera equívoco na traducção do chinez para o portuguez, ou vice-versa, e regular-se o accordo, sem haver as difficuldades de entabolar novo tratado.

Chamo a attenção do governo para este ponto, e ainda que ninguem poderia exigir-lhe uma resolução prompta sobre elle, todavia é certo que tudo se vence, quando ha boa vontade, quando ha aquella energica vontade portugueza que levou os nossos antepassados a famosos commettimentos, assim pela valentia das armas, como pela habilidade da diplomacia, tanto nos paizes incognitos, como entre as nações civilisadas; vontade, que é mister não deixar adormecida, para que possamos continuar a sustentar a nossa bandeira nos territorios em que temos direito de a fazer tremular, e o nosso brio em toda a parte.

Sr. presidente, o parlamento está prestes a encerrar-se, e como não sei quando terei outra occasião de chamar a attenção da camara e do governo para estes assumptos, que reputo de gravidade e urgencia, espero que me seja referido o ter desenvolvido um pouco mais ás minhas considerações, não obstante não estarem presentes

todos os membros do gabinete, a cuja gerencia dizem respeito varios dos pontos em que tenho tocado, e outros que peço ainda permissão para tratar o mais succintamente possivel.

Desejava por esta occasião dirigir-me ao sr. ministro da justiça para lhe pedir, que no intervallo que vai decorrer até que se reuna de novo o parlamento, tenha em consideração as necessidades urgentes da administração ecclesiastica: circumscripção das dioceses e das parochias; organização dos cabidos; e sobre este assumpto desejava tambem reclamar de s. ex.ª a conservação de uma collegiada insigne, que é a de Guimarães, á qual está vinculada a memoria do fundador da monarchia. E bem assim desejo chamar a attenção de s. ex.ª sobre uma melhor organização da dotação do clero.

Assumptos são estes bastante momentosos; e confio muito do zelo do cavalheiro, que tem a seu cargo a gerencia dos negocios da justiça e ecclesiasticos, por isso não deixo de esperar que serão objecto da sua especial attenção.

(Conclue.)

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMARIO:—Projecto de regicídio contra o rei dos belgas; calúnia contra os jesuitas; faz-se a luz; apparecemos jesuitas innocentes e resvala o crime sobre os seus accusadores.—Nova fase de politica allemã; impressões do imperador e confusão de impiedade ante a attitude dos catholicos; a Austria a ver melhor; os catholicos em acção; receios do partido liberal.—Imponente protesto contra a lei Ferry; as mães christãs.—O «Commercio de Portugal»; como elle vê os frades e como nós os conhecemos; ocios diferentes; a sciencia no tempo dos frades e nos nossos dias; faz o collega justiça; Guimarães no tempo dos conventos e na época das luminarias; um conselho ao collega; graças sem graça e contradições.—Uma noticia de pasmarm.—Mais outro em busca da... «gloria».—O hospital de S. Francisco em Guimarães; um benemerito da Ordem; uma surpresa.—Parabens á «Palavra.»

Ha dias fóra surprehendido o povo de Bruxellas por um cartaz affixado na fachada da igreja de S. João Nicolau, em que se pedia a morte do rei Leopoldo. O cartaz, escripto á mão, era concebido nos termos seguintes:

«Apressemo-nos a matar o rei; está firmada a lei da desgraça — *Uns cléricos.*»

A «Estrella Belga», diário que representa em Bruxellas o mesmo partido que defendem em Paris a «Lanterna» e em Portugal a «Lucta» e varios «Commerceiros», etc., foi a primeira que estampou em suas columnas a fatal noticia, apresentando logo os jesuitas como auctores do attentado.

O caso communicado á policia, foi em seguida enviado ao tribunal competente e desde logo foi invadido o collegio dos jesuitas e prezo um dos seus membros.

Para esclarecer a noticia e apresentar

a calúnia transcrevemos o seguinte d'um diário:

«A policia de Bruxellas havia prendido um operario chamado Van Hamme como auctor dos pasquins de exterminio affixados ás portas das igrejas e dos theatros; sendo immediatamente interrogado, diz-se que elle declarára que os jesuitas lh'os haviam dado e pagavam para que os collocasse em determinados sitios.

O tribunal respectivo procedeu logo a uma busca rigorosa no collegio dos jesuitas, na rua de S. Miguel, procedendo-se antes de mais nada a prisão do bibliotecario Nicolai, um velho ancião de 75 annos, de proverbial honradez em Bruxellas, a quem estava confiada a bibliotheca dos Bolaudistas, que os magistrados fizeram sellar na sua primeira visita domiciliar, e onde depois praticaram uma minuciosa revista.

O irmão Nicolai, quando no tribunal foi acareado com o denunciador Van Hamme, nem por um momento perdeu a sua habitual serenidade. No seu confronto com Van Hamme, que presistia em o accusar de ter subministrado o texto flamengo e francez de um pasquin contendo ameaças de morte ao rei e de lhe ter dado 50 francos para o affixar, o irmão Nicolai provou que havia mais de dous annos que não lhe tinha fallado. Van Hamme fóra em tempo conhecido dos jesuitas, até que, descoberto o seu comportamento hypocrita e conhecidos os seus costumes viciosos, foi expulso de toda a parte.

Vistas as cathgoricas declarações do irmão Nicolai e a facilidade com que comprovou a sua exactidão, a instauração do processo judicial devia ser rapida, como effectivamente o foi.

Na tarde d'esse mesmo dia o ministerio publico transportou-se de novo ao collegio de S. Miguel, entregou aos jesuitas as chaves das suas cellas e declarou que o irmão bibliotecario deixava de estar incommunicavel, ao passo que o accusador continuaria preso por varias accusações e especialmente pela de delação calumniosa.»

Poucos dias depois lia-se no «Journal de Bruxellas» a seguinte noticia que lançava em terra toda a calúnia erguida contra os jesuitas:

«Esta tarde, cerca das 4 horas, o R. P. director do collegio Saint-Michel foi á prisão dos Petits-Carmes, acompanhado d'um empregado do foro e munido d'uma ordem de pôr em liberdade o irmão Nicolai. Alguns instantes depois o irmão Nicolai tornava a entrar no collegio Saint-Michel, acompanhado do director do estabelecimento.

A comunidade estava reunida para receber e felicitar o digno ancião, mas o irmão Nicolai, tomado d'uma emoção facil de comprehender, apressou-se a subtrahir-se ás demonstrações de sympathia, para ir rezar na capella do collegio. Hontem de manhã este temivel criminoso havia commungado na capella da prisão.

O irmão Nicolai recobrou-se ao leito alguns instantes depois da sua entrada no estabelecimento. Esperamos que esta terrivel prova infligida a um ancião de 75 annos não terá consequências funestas.

Teremos de fallar outra vez d'esta aventura, sobre cujo desfecho jámais abrigamos a menor duvida.»

Até hoje não vimos ainda estampado

nos jornaes *libres* do cá este desmentido, e muito é de crer que não chegemos a ver. São uns maganões!!

* *

Quando em Bruxellas se levantam calumnias contra os jesuitas e contra os catholicos, por conseguinte, na Allemanha principia-se a conhecer o caminho errado que têm seguido os governos. E muito penhorado para com a Santa Sé se mostra o imperador depois da carta de felicitação que lhe derigira S. Santidade por occasião das bodas d'ouro.

«Esta carta de S. Santidade, diz um collega, coincidiu com um facto, que impressionou muito o imperador. Por occasião d'aquella festa dos imperadores, o clero catholico e o povo fiel, em testemunho de seu respeito e fidelidade aos seus soberanos, celebraram festividades de acção de graças em todas as egrejas do imperio. D'isto se penhorou tanto o imperador, por vir de subditos tão desfavorecidos, que repetidas vezes manifestou a sua intima satisfação por taes demonstrações.

Assim que a resposta de sua magestade ao Papa não podia ser em termos mais gratos e esperançosos. Ahi consigna expressamente o imperador o seu desejo de restabelecer a paz religiosa e de assegurar aos catholicos e aos seus pastores legitimos os beneficios da liberdade. Foram omittidas todas as reservas de outras anteriores missivas, e tudo comprova a sinceridade dos desejos de paz. Eis em resumo, o que ao *Monde*, de Paris, escreve o seu correspondente de Roma, em geral bem informado sempre.

Tambem nos parece, que o principe de Bismark experimentará uma certa satisfação santa em abandonar aos tyrannetes republicanos de França um systema, que com esses pigmeus o emparelhava.

A par da Allemanha a Austria. Este imperio estava farto de *liberalismo*, que o corrompia e arruinava, e nas eleições, que acabam de realisar-se deu maioria no parlamento ao partido conservador e catholico. Assim se diz que o conde Taaff, de quem o imperador é amigo pessoal, vai formar um ministerio, em que entrará o chefe do partido catholico e federalista.»

A vista do que ahi fica não deve estranhar-nos a noticia que nos dá um jornal dos mais avançados em *liberdade*, em *amor de humanidade* cá do nosso Portugal. Eil-a ahi vac:

«As proximas eleições para a renovação da camara dos deputados provocam na Prussia uma agitação singular na opiniao publica e certas apprehensões faceis de comprehender.

Teme-se, e não sem fundamento, que o partido liberal, que desde muitos annos formava a maioria da dieta prussiana, saia d'esta lucta dizimado e enfraquecido, como já o foi nas ultimas eleições para o parlamento allemão. Teme-se sobretudo, que, no escrutinio o partido clerical e o partido retrogrado dêem as mãos e continuem a campanha que tão bons resultados lhe deu já no parlamento.

Parece que o partido liberal aturdido com os recentes contratempos, está muito perturbado e hesitante.

A imprensa liberal reprehende o seu partido merecidamente, e convida-o a não se deixar dominar pela sua falta de coragem e a tomar sem demora as mais energicas medidas para prevenir um acontecimento que seria funesto à nação.»

E se dirigimos nossos votos para a França, que sublime quadro nos não mostra essa nação christianissima ao levantar-se em massa contra a lei Ferry, e muito especialmente contra o artigo 7.º

E bem podemos dizer que é a França em massa que se ergue a protestar contra um tal attentado, que vai de encontro a todos os principios de liberdade.

«Por isso é que de todos os pontos, diz um jornal, acodem petições dos adversarios do referido artigo, para que não passe, resultando contarem uma totalidade de 1.332.136 assignaturas, as que já estão recolhidas pela commissão incumbida de as examinar. Algumas são impressas; uma das que mais nomes reuniu intitula-se «petição das mães christãs»; e outras estão sómente por bispos e abbades.»

Esta petição assignada pelas mães christãs dá uma prova da grandeza de alma, dos elevados sentimentos da mulher franceza! As mães, aquellas a quem está confiado o porvir, a felicidade das futuras gerações, a firmarem um protesto contra a lei que quer roubar-lhes o direito de dar a seus filhos tudo quanto uma mãe deseja dar-lhe — a educação religiosa!

D'estarte é que a mulher se mostra digna da admiração, do respeito, da veneração da humanidade.

Os nossos jornaes, que tanto fallam em humanidade bem deviam registar estes rasgos da mais sublime grandeza, dos mais altos sentimentos da mulher. Mas não querem de tal couza occupar-se, porque esse papel pertence-nos a nos, aos catholicos.

* *

E' impagavel o nosso collega do «Commercio de Portugal». Como elle falla! Como a pena lhe desliza facilmente pelo papel! Com que *conhecimento* de cauza elle falla!

Ora admirem os leitores, ou antes ajudem-nos a admirar, porque nós não podemos só admirar taes rasgos de sabedoria:

«D'antes pelas extensas e vastas galerias dos conventos, passavam grave e pausadamente, como longas filas d'espectros, os vultos dos frades, nos ocios regalados, nas ambições de prazer, n'essa vida sem trabalho, que mais dava aos gosos de materia, que ás manifestações da intelligencia.»

Não podemos, collega; não podemos deixar passar, sem reparo, o que estampou no seu jornal.

Os ocios com que se regalavam os frades de certo o collega para si os não desejava, porque eram ocios bem differentes d'aquelles que se gozam com os cotovellos apoiados no marmore das mezas do Martinho, e com o hombro aperrado, á guiza de estaca, ás lombreiras das portas do Chiado. Os ocios do frade eram as horas passadas sobre os livros de estudo, na contemplação da natureza, e no continuo procurar com que acudir ás necessidades dos indigentes; e não passados nos camarins das bailarinas de S. Carlos ou nos antros replentes onde

se conspira contra a ordem e contra o bem estar da humanidade. São estes os ocios que mais dão aos gosos da materia que ás manifestações da intelligencia.

Entra de novo o collega:

«D'antes, se nos claustros se abrigava a sciencia e o talento, as grades estreitas da cella, as enormes portas chapeadas, que os separavam do mundo, o triste psalmejar das orações e das preces, o inflexivel rigor da ordem, não deixava chegar cá fóra a luz brilhante de muito espirito culto, que ali, no estudo aturado, mal reagindo com a sacra theologia, nas contemplanções do estudo, tentava remontar-se em audacioso vôo ás paragens luminosas, mas que depois tinha de se curvar ante as exigencias claustreas, succumbindo quasi que esmagado sob as abobadas sombrias das extensas bibliothecas, cheias de breviarios, de biblias e de doutores da egreja.»

Ainda bem que o collega reconhece que nos claustros se abrigava a sciencia e o talento, mas o que o collega não sabe, e é por isso que não diz a verdade, é que as enormes portas chapeadas nunca impediram que a sciencia pudesse chegar fóra dos sombrios corredores ou que quem a quizesse a não pudesse ali ir receber.

N'este ponto está o collega muito enganado. A sciencia que hoje se dá nos lycens, nos seminarios, dava-se no tempo dos frades em todos os conventos. Aqui, em Guimarães, para não irmos mais longe, havia nada menos de 4 conventos onde se estudavam todas as disciplinas exigidas para entrar nas escolas superiores, e se o collega interrogar quantos doutores, padres, medicos, etc., etc., aqui ha, que contem mais de 50 annos, terá como resposta que estudaram nos conventos. Ora já vê o collega que é menos exacto nas suas afirmações. Se o collega nos vier dizer que na epocha actual é que a sciencia está só dentro das escolas, e estas só onde as permite o regulamento official, e que a não recebe se não quem tiver meios bastantes para deixar o seio da familia, isso então collega, diria a verdade. E mais verdade fallava aos seus assignantes se lhe dissesse que em Guimarães, (e ha-de ser o mesmo nas demais terras), no tempo das trevas haviam 4 cazas onde se ministrava gratuitamente ao povo quasi toda a instrução, e que hoje, no tempo das luzes, com a escola official se lhes ensina a lér o *Monteverde* ou *livro dos bichos* em duas escolas. Isto é, o governo gasta com a instrução d'uma cidade de 12 mil habitantes, vergonha!! 1805000 réis annuaes.

Diga isto aos seus assignantes:

Que em Guimarães, onde havia no tempo das trevas aulas de portuguez, latim, rhetorica, philosophia, etc., etc., ha hoje, no tempo das luzes, uma escola primaria para meninas e outra para rapazes!

Diga isto, e deixe-se de arolas, collega. A verdade, e nada de palavriados.

Deixemos ainda entrar o collega em scena, porque este collega tem uma graça infinita:

«Hoje, não. Em vez das longas e tristes filas de frades psalmeando o pesado latim da egreja, ha o alegre rumorajar das crinças, ha o aspirar elevado da geração das

escolas, os que ora se preparam para amanhã tomarem parte consciente e activa nos destinos da moderna sociedade. Hoje ha mais luz nas extensas galerias. As portas pesadas já não escondem aos olhos da sociedade o viver ocioso d'uma geração tradicional, todo breviarios, bureis e cilícios. A aula livre advinha o futuro livre. As abobadas das livrarias já não escondem segredos— a bibliotheca é de todos porque é do povo. Benjamin Franklin fundou na bibliotheca popular um mundo novo—o mundo dos desherdados.»

Isto de haver o *rumorejar das crianças* em lugar do *pesado latim*, faz-nos parecer que no tempo dos frades não haviam crianças.

Mais luzes isso cremos que ha, porque somos do tempo em que não havia iluminação pelas ruas.

A *aula livre*, diz o collega, *advinha o futuro livre*; mas o collega não quer a escola livre, e por isso bateu as palmas quando ouviu dizer que os jesuitas iriam ser excluidos do ensino.

A *bibliotheca é de todos porque é do povo*. Não comprehendemos. A bibliotheca era de todos quando as portas do convento eram franqueadas a todos e todos tinham. com a conversação do frade instruido, a liberdade de penetrar na bibliotheca. Mas desde que os livros do frade foram empilhados em felidos armazens, sendo pasto dos ratos, em quanto outros foram pasto d'outros ratos não menos perigosos; depois que formaram bibliothecas particulares ou bibliothecas publicas em duas ou tres cidades do reino, as livrarias deixaram de ser de todos. E hem o sabe o collega, mas esta mania de transtornar tudo, de dizer só o que convem. valha-nos Deus, collega!!

* * *

As folhas brasileiras transcrevem a noticia do fallecimento d'um rico fazendeiro chamado José de Souza Breves, de idade de 80 annos e possuidor d'uma fortuna de 5 a 6 mil contos!

Entre outros legados avulta um de 100 apolices de 1:000\$000 réis. com os rendimentos das quaes se crearão tres premios, de cinco em cinco annos, destinados aos melhores livros que no Brazil se escreverem para o ensino primario e educação religiosa catholica, apostolica, romana e social do povo.

N'um paiz como o nosso, onde se criam premios para as produções como *Os Lazaristas* (comedia) e quejandas, esta noticia deve causar uma admiração pasmosa.

E já que fallamos em comedias lembramos ter lido ha pouco a noticia de que um tal Julio Rocha acabára de escrever um drama em 3 actos intitulado: *Os Tavoras*, onde se descrevem todas as peripecias da conspiração urdida pelos jesuitas contra a vida de D. José I.

O moço de reconhecido *merecimento*, que leva o nome de Julio Rocha, quer tambem a gloria que a NN coube e *botou comedia* contra os jesuitas, sem se lembrar que é moeda mandada retirar da circulação. Sr. Rocha, outro officio. Não vá partir-se a rocha e cair no ridiculo como já cahiu o outro dos NN.

Procure outro caminho, que este a gloria de certo o não conduz.

* * *

D'esta vez quasi nos esquecíamos de Guimarães, quando temos um assumpto que reclama a nossa attenção.

Visitamos no dia 2 o hospital da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco e subiu de ponto a nossa admiração ante o luxo e magnificencia d'aquella casa de caridade. A elegancia com que se erguem os tectos dos vastos salões, a luz que jorra pelas bem rasgadas janellas, tudo nos indica a boa vontade d'uma corporação para se collocar acima das vulgaridades. A testa da mesa que dirige os destinos d'esta casa, está o benemerito filho d'esta terra, o sr. Christovão José Fernandes da Silva, ha pouco feito commendador. Quer-nos parecer que a s. exc.ª se devem em grande parte os melhoramentos ali realisados; e tão salientes são elles, que só elle, com a sua immensa fortuna, podia fazel-os realisar. E' digno pois do respeito e da admiração nossa um cavalleiro que assim faz uso d'uma fortuna; e grande, bem grande deve ser o reconhecimento da Ordem franciscana para com o seu actual ministro. E diremos mais, não é só a Ordem Terceira que lhe deve reconhecimento. Deve-lh'o Guimarães, deve-lh'o o paiz. S. exc.ª concluindo o hospital oppoz tambem uma barreira á acção demolidora do tempo, facto já de derrocar o vasto convento que os filhos de S. Francisco ergueram, e que a incuria, o desprezo dos governos pelas cousas da igreja deixava á mercê das ventanias.

Dentro em pouco o magestoso convento não será um pardieiro denegrido e arruinado, mas antes uma casa que lembre os pobres frades, os amigos dos pobres, jámais se é certo o ter a Ordem de estabelecer n'elle algumas escolas.

Uma cousa que nos surpreendeu ao visitar o hospital foi o não ver ali as irmãs da caridade! N'uma casa onde impera a regra do pobre d'Assis, caso é para estranhar o não se ver á cabeceira do doente as verdadeiras filhas da caridade, depois de nos dizerem que ha uma deliberação d'uma meza transacta que permittia que as irmãs da caridade francezas ali fossem admittidas.

Foi esta a unica falta que notámos, e que nos parece a meza terá já tenção de remediar, por isso que os filhos de S. Francisco não quererão fechar as portas a essas

mulheres que todos chamam, que todos bendizem.

* * *

Findamos esta revista felicitando o nosso estimavel collega da «Palavra» por ter celebrado o seu oitavo anniversario, desejando-lhe longos annos de vida para nos animar em meio d'este viver de lucta, em que tanto carecemos de companheiros denodados.

J. DE FREITAS.

Aos assignantes da Historias dos Papas

Distribuiu-se o fasciculo 15, composto das primeiras cinco folhas do 3.º volume; as folhas que faltam para o 2.º volume, que não chegam para um fasciculo, serão distribuidas conjuntamente com o fasc. 16.

Aos assignantes pedimos o favor da promptidão na remessa do pagamento.

Aos assignantes do «Progresso Catholico»

Por falta de espaço suprimimos o correio sem franquia, que será publicado no proximo numero.

Com o presente numero distribuimos os prospectos para o 2.º anno do «Progresso Catholico»; esperamos que todos os assignantes nol-o enviem pejado de assignaturas, o que desde já agradecemos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damazo, 50 a 54 —Guimarães